

Da Cidade Para As Serras: A Transição Da Personagem Queirosiana

FROM THE CITY TO THE MOUTAIS: THE “QUEIROSIANA” CHARACTER TRANSITION

Amanda MENDES¹

Resumo: No romance *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, dispõe-se um personagem ambíguo, defensor de certas convicções, mas que aceita passar por uma grande mudança. Elegante e morador de um luxuoso palacete na cidade de Paris, Jacinto, o dândi parisiense, possui uma estreita relação primeiramente com a cidade francesa e, posteriormente, com o campo. Visando, pois, compreender a mudança de postura assumida pela personagem, pretende-se, no presente artigo, discutir duas questões: o culto ao luxo, relacionado ao dandismo e a travessia da cidade para o campo. Faz-se também importante ressaltar o dialogismo entre *A Cidade e as Serras* e outras obras da tradição literária.

Palavras-chave: Personagem. *A Cidade e as Serras*. Dandismo. Dialogismo.

Abstract: In a work that is hostage of criticism, there is a very interesting character who goes through a big upheaval in his life. Elegant and resident of a luxurious palace in the Paris city, Jacinto, a dandy Parisian, has a close relationship with the city and later with the countryside. This article intends to discuss three questions about the character: the cult to the luxury related to dandyism, the transition from the city to the countryside, and the dialogism between *A Cidade e as Serras* and other works of the literary tradition.

Keywords: Character. *A Cidade e as Serras*. Dandysm. Dialogism.

Introdução

Não é preciso mergulhar tão profundamente na leitura, nem mesmo ser um grande leitor para perceber que a obra *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós apresenta um diálogo entre o campo e a cidade. Trata-se de uma narrativa contada a partir do ponto de vista de um narrador-personagem que passa a ver no meio rural, uma vida mais interessante do que a propiciada pela cidade. De início, o foco da obra é a civilização urbana, a cidade de Paris, cheia de invenções, onde vive o protagonista que não pretende de lá sair. Porém, no decorrer da história, diante de alguns imprevistos que a vida lhe impõe, decide viver em meio às coisas simples, e então, muda

¹ Mestranda em letras pela Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Desenvolve o projeto de pesquisa intitulado A ficção portuguesa contemporânea na Revista Colóquio-Letras - seção Recensão Crítica (1971/n. 01 - 2013/n. 183) sob orientação da Professora Doutora Rosane Gazolla Alves Feitosa. Endereço eletrônico: amandamendes.unesp@gmail.com.

de ambiente completamente. É em meio à natureza das serras que se estabelece e encontra a verdadeira paz, proporcionada pelo casamento/formação de uma família.

O livro é composto por duas partes: a primeira retrata a vida de Jacinto, seus antecessores, a ida de volta de Zé Fernandes a Guiães, e logo sua morada em Paris, o movimentado 202 com todos seus elementos tecnológicos, frequentado por pessoas da alta sociedade parisiense, as festas que lá ocorrem, a negação de Jacinto em relação ao campo. Enquanto a segunda parte é composta pela viagem de Jacinto a Tormes, sua estadia no local, por pessoas do meio rural que possuem ternura e apelos emocionais, pelo toque de urbanização que confere ao ambiente, por seu casamento com a afilhada de Zé Fernandes e pela descoberta da alegria em viver em meio às coisas simples.

Apesar de não ser o foco da presente discussão, cabe mencionar que a obra de Eça de Queirós estabelece forte relação com a tradição literária, e pode, deste modo, ser associada a duas obras clássicas: *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes (veremos que Jacinto é comparado com Dom Quixote ao passo que seu amigo Zé Fernandes é associado à figura de com Sancho Pança, o fiel escudeiro de Quixote) e *A Odisseia* atribuída a Homero, pois em muitos pontos Jacinto pode ser comparado ao herói épico Odisseu.

O presente artigo pretende, assim, discutir como era a vida de Jacinto, sua relação com a cidade, todo o seu modo requintado e elegante de viver, como um verdadeiro dândi, o que o fez se transportar para o campo, quais foram as suas justificativas para ir morar longe de toda aquela aparelhagem que chamava tanto a atenção daqueles que passavam pela sua casa e a sua relação com outros heróis importantes da tradição literatura.

As vivências de Jacinto em lugares distintos: *A Cidade e as Serras*

Homem com bom gosto e grande senso estético, ambicioso e com o ideal de acumular ciência e erudição, o qual faz uma travessia da modernização, civilização, tecnologias e conforto, para a tranquilidade das serras e do campo: este é o perfil de Jacinto, protagonista do romance *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós.

De um lado, a ilustrar a vida moderna e conseqüentemente na primeira parte do livro, nos deparamos com os frequentadores do 202, assim chamada a mansão de Jacinto, onde frequentam artistas, intelectuais, nobres europeus e senhoras da alta sociedade de Paris: o Grão-duque, a condessa de Tréves, o conde de Tréves, o banqueiro judeu Efraim, madame Oriol. De outro lado, apresentam-se aqueles que representam as serras, que as estimam e que consideram o

campo um local mais harmonioso, são eles: Zé Fernandes (amigo de Jacinto), Melchior, Silvério, tia Vicência e Joana.

Dentre os personagens descritos, os que mais se destacam são o próprio narrador-personagem Zé Fernandes, que apesar de secundário, tem grande importância dentro da obra, pois, é a partir do que ele narra que traçamos o perfil do protagonista. É ele quem nos conta a evolução das ações e quem conduz as mudanças de pensamento em Jacinto.

Esse narrador, além de ser um grande amigo do chamado por ele mesmo “príncipe do 202”, é também narrador e participa o tempo todo sendo testemunha de todas as ações do amigo. Tem como cúmplice o leitor, fazendo uma espécie de diálogo com seu interlocutor, o qual se torna seu confidente. É ele quem faz a imagem do personagem principal da história e nos mostra, a partir do seu ponto de vista, como ele é, como pensa, como se veste, quais são seus afazeres, como é sua casa, como vive, entre outras coisas, além de, tentar fazê-lo convencer, de maneira quase ingênua, que a vida no campo é superior à vida na cidade. A esse respeito, Franchetti (2007, p. 19) afirma:

Na fortuna crítica de Eça, ocupa lugar a afirmação de que o romance defende a tese da superioridade da vida tradicional no campo –das formas de vida e estruturas sociais paternalistas e pré-industriais- sobre a vida moderna. Colorido de patriotismo, o livro teria como proposta o retorno às origens da nacionalidade, no norte agrário português.

Por outro lado, vê-se o desenvolvimento da personagem principal. Jacinto é filho de pais portugueses residentes em Paris. Foi lá que nasceu, mais precisamente na Avenida dos Campos Elísios, nº 202. Herdeiro de algumas terras em Portugal é um homem de classe média-alta, elegante, luxuoso e requintado que possui espírito civilizador. Um verdadeiro dândi que, apegado à urbanização, abomina a vida do campo, até mesmo a natureza. Acredita que diante dela, todas as faculdades mentais de um homem são inúteis, que as plantas e os animais de nada servem, que tudo isto é mera “bestialidade” e que a única função vegetal seria a nutritiva e animal, procriadora. Ao contrário disso, acredita na ideia de que o homem só será feliz se for civilizado e por isso sente prazer em ser contemporâneo e promissor de novas tecnologias. Segundo Franchetti (2007, p. 16), *A Cidade e as Serras* apresenta a “história de Jacinto, um jovem muito rico, que tem por objetivo ser o mais possível contemporâneo ao próprio tempo; para isso, rodeia-se do que a civilização tem de mais novo e mais promissor em termos de tecnologia e conhecimento e participa ativamente da vida social de sua cidade”.

Em sua residência, o protagonista revela ter muito bom gosto e graça por toda a modernização e elegância do ambiente em que vive. O espaço para ele é fundamental, todos os

componentes da decoração revelam alta curiosidade e são essenciais para compor os cômodos da casa, trazendo prazer aos olhos que brilham ao se deparar com tanto conforto e beleza.

De início, Jacinto acredita estar no lugar certo, rodeado por pessoas amigas que sempre o visitam e que adoram ver e saber das suas invenções. São os frequentadores de seu palacete, uma casa onde é possível encontrar tudo o que se deseja e em grande quantidade, como as tecnologias, incluindo telefone, telégrafo, elevador, máquina de escrever, máquina de calcular e ainda uma imensa biblioteca, enfim, instrumentos que são mais para suprir um desejo e uma vontade de ostentar, do que elementos de grande utilidade para a vida das personagens.

Franchetti (2007, p. 29) acredita que “a ciência e a técnica, para Jacinto, não são apenas instrumentos de ampliação de potencialidade natural dos sentidos e das capacidades humanas, mas também matéria de espetáculo, afirmação de fé no progresso e elemento de decoração”. A personagem defende a ideia de que o melhor é viver longe da natureza e de tudo aquilo que levaria o homem a um degrau abaixo de toda a sua cultura. O contato com a vida rural, segundo Jacinto, faria o homem regredir.

Candido (1964p. 48), comenta que “a civilização torna-se um culto requintado, um dever penoso e absorvente, exercido com reverência na micrópole do ‘202’. Para Jacinto, a natureza é a inimiga que rebaixa o homem do pedestal da cultura, impondo a ‘súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores”. Mas, com o passar do tempo, tudo aquilo e todos aqueles, tornam sua vida tediosa e sem graça levando-o a buscar novas experiências e a transportar-se para o campo.

Pelos amigos da alta sociedade, o herói sempre recebe elogios por suas engenhosidades e praticidades em sua mansão. Na verdade, são frequentadores da casa que representam o artificialismo da sociedade parisiense e que ajudam a tornar com o tempo, a vida de Jacinto tediosa. Embora com tantos meios tecnológicos, não é possível prever quando uma máquina pode falhar, e foi isso que aconteceu, por mais de uma vez na mansão. Tais tecnologias tanto para a época, quanto ainda hoje, sofrem imprevistos, e um destes aconteceu na hora mais inapropriada, num jantar especial para o Grão Duque Casimiro, irmão do imperador, que tinha como prato principal, peixe, mas devido a uma pequena eventualidade, teve enroscado o elevador de pratos junto com a refeição. Jacinto, no entanto, consegue sair do constrangimento com satisfação e alegria com a pesca do peixe. “Não, não era fogo. Fora o elevador dos pratos que, inesperadamente, ao subir o peixe de Sua Alteza, se desarranjara, e não se movia, encalhado!” (QUEIRÓS, 2001, p.17).

Na cidade, quando Jacinto busca novas invenções e modernização, na verdade está buscando um modo de resolver o problema de sua própria existência, uma vez que, em certo

ponto, nada mais o atrai, nenhuma de suas máquinas e nem mesmo os seus livros. O personagem entra em uma forma de vida pessimista e tediante: “Nesta manhã, Jacinto começou a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Zé Fernandes, o tédio de que a existência o saturava.” (QUEIROS, 2001, p. 94). Acredita que diante de todas as invenções e erudições, com o conhecimento de suas leituras, ele poderá obter tranquilidade após conseguir explicar o universo, mas na verdade, o que ele sente é medo, medo das serras, do campo, de se colocar perante a natureza.

Diante de tanto conforto e aparato tecnológico que rodeavam o Senhor do 202, o personagem entra em um tédio profundo. Tudo o que faz parece não ser o suficiente para alcançar a desejada felicidade e com ela todo equilíbrio de viver. Nem as visitas dos amigos da mesma classe social, nem as inúmeras formas de tecnologia postas em sua casa, nem os encontros com a Madame de Oriol, nada disso lhe chamava mais a atenção, “Jacinto começou a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Zé Fernandes, o tédio de que a existência o saturava [...] o 202 estourava de confortos; nenhuma amargura de coração o atormentava; - e todavia era um Triste.” (QUEIROS, 2001, p.95).

Foi então que Jacinto decidiu passar uns dias na antiga casa de Tormes, abandonada há tanto, cena que lhe fez lastimar ao ver tal propriedade abandonada, “Jacinto lamentou contritamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar histórico, assim abandonado e vazio?” (QUEIROS, 2001, p. 121). Mas, o que o grande amigo de Zé Fernandes não esperava, é que tal atitude mudaria sua vida, o renovaria e o deixaria cheio de energia e vitalidade, transformando seus dias em momentos únicos e essenciais para acabar com toda monotonia e pessimismo “O resultado do choque é uma renovação da personagem, com o desaparecimento do tédio, que dá lugar a um surto de energia vital, seguido da recusa explícita às crenças e à vida que levava na cidade grande”, diz Franchetti (2007, p. 16).

Percebe-se que quando o protagonista está em meio à civilização, ele passa por momentos de profundo pessimismo, o que acaba quando, junto às serras encontra maneiras de se divertir e perceber que a vida pode lhe dar motivos para ser otimista. Seu modo de, na cidade, deixar tudo perfeito e em ordem, de sempre ver as mesmas pessoas, os mesmos lugares, os mesmos assuntos, ler os mesmos jornais e ter em sua biblioteca sempre muitos e os mesmos livros, com a intenção de deixá-los sempre em fileira e em ordem, causa esses pensamentos profundos de negação:

Na sua busca obsessiva de teorias, Jacinto permanece sempre racionalmente tranquilo e consegue opor alguma ordem ao caos ameaçador da realidade. Mas a melancolia ameaça surgir das fendas do mal colmatadas pela fome da ciência de Jacinto. (SOUZA, 1996, p. 136).

Os dias em Tormes revelam-se grandiosos, a vida neste espaço é superior ao da França, uma vez que, nas serras, Jacinto tem a oportunidade de se reencontrar com um ambiente tradicional encontrando utilidade para sua vida. Ele não vê em Tormes um lugar de regresso às origens, mas uma viagem arriscada a um lugar completamente diferente do seu mundo. É como se para ele fosse um desafio a ser cumprido. Zé Fernandes acredita que assim, retornando aos campos, o herói encontrará a felicidade, e começa a tratar de envolver o amigo com o lugar e de apresentar-lhe a prima e a afilhada Joaquina, que mais tarde se casa com o Príncipe do 202, tem filhos e por vontade dela de não viajar a Paris, Jacinto também nunca mais volta a “civilização”, permanecendo toda a sua vida nas serras. O que não ocorre com Zé Fernandes, que após uma decepção amorosa, decide visitar Paris, mas cai em um desconforto e retorna a Tormes.

Após um tempo nas serras, Jacinto volta a se preocupar com a civilização e com a perfeição. Começa então a urbanizar as serras, construindo novas casas, imaginando queijarias, mandando que se construísse uma escola em suas terras, implantando o uso do telefone, entre outras coisas. Ele imagina em tal utopia o equilíbrio, intercalando toda a calma e tranquilidade das serras com verdadeiras construções civilizadas. “Este equilíbrio deve-se ao fato de a personagem ter podido encontrar, de forma pragmática, um compromisso entre as suas tendências profundas e as exigências da realidade” (SOUZA, 1996, p113).

A busca pelo equilíbrio é representada pela vontade desenfreada de se lançar aos extremos, ora com métodos civilizacionais, ora com o simples viver longe deles. Segundo Real (2006, p. 136),

A Cidade e as Serras patenteia-se como um ensaio sobre as fases inicial e terminal da nossa Civilização, concluindo da impossibilidade de uma existência saudável e humana em qualquer um destes extremos e lançando a hipótese de a felicidade se encontrar num equilíbrio entre a simplicidade rural e o progresso técnico.

Jacinto realmente consegue, ao fim do romance, o equilíbrio que tanto desejava. Ele, que durante toda a trajetória, buscou uma razão para sua existência, primeiro pelos recursos propiciados pela “civilização” e, depois, junto à natureza, consegue, ao final, fazer uma combinação dos dois elementos, compatibilizando alguns objetos comuns às cidades, como os móveis e outros objetos voltados ao conforto, a construção de casas para os caseiros, com modos de vida comuns à vida simples do campo, como a formação da família e a fixação no local.

Souza (1996) afirma:

Jacinto atinge finalmente um estado de perfeição no qual se combina de forma utópica o melhor da cidade... com o melhor das serras,... num perfeito e ditoso equilíbrio. Este equilíbrio deve-se ao facto de a personagem ter podido encontrar, de forma pragmática, um compromisso entre as suas tendências profundas e as exigências da realidade (SOUZA, 1996, p. 113).

E afirma ainda:

Contrariamente, Jacinto habita um mundo sonhado como perfeito e atinge, no fim do romance, pelo menos aparentemente, um perfeito equilíbrio, entre os valores da cidade e os valores do campo, casando mesmo, com uma moça 'perfeita' (SOUZA, 1996, p. 136).

Em *A Cidade e as Serras*, a personagem alcança, enfim, o equilíbrio tão desejado, o que faz com que o tédio desapareça de sua vida, mesclando a modernização da cidade com a vida tão idealizada do campo.

O dandismo em Jacinto

Não é difícil notar o aspecto do dandismo relacionado a Jacinto, não (e somente) pelo fato de sua riqueza, mas por toda sua elegância, requinte e refinamento acompanhados de detalhes que criam um ambiente mais requintado como o hipercivilizado palácio do 202. A personagem revela ser homem de requinte, como se pode perceber, na leitura da obra: “Todo o seu fato [de Jacinto], as espessas gravatas de cetim escuro que uma pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de longe em caixotes de cedro” (QUEIRÓS, 2001, p. 17) e mesmo quando se muda para as Serras, não o deixa de ser. Pode-se perceber isto pelo seu incômodo ao ver as casas dos caseiros tão simples e acabadas. Sobre isto, Franchetti (2007, p. 29) diz:

Em Paris, Jacinto é um dândi. Nas serras, não parece que o tenha deixado de ser totalmente, já que o motivo principal das suas ações, principalmente nos primeiros tempos de adaptação, nunca é de ordem sentimental ou econômica, mas sim de caráter essencialmente estético. A miséria dos camponeses o deixa horrorizado como um canto mal pintado de um quadro bucólico; os empreendimentos agrícolas, para desespero do administrador, não são encarados do ponto de vista dos custos e proveitos, mas como problemas matemáticos ou de decoração.

O culto ao belo se estabelece com tal intensidade que a elegância se verifica de diversas maneiras - nas roupas, sapatos, broches, móveis e equipamentos de luxo – sem deixar que o personagem se preocupe com o trabalho e as diferenças entre classes sociais que existem fora do

seu mundo. O outro [amigo de Jacinto], como se não pudesse conter, repara nas vestes e em cada detalhe. Marinho (2006, p. 351) refere-se a esta ação como *toilette*. Segundo ela, “os heróis queirosianos se deixam impressionar pela *toilette* e reparam se um outro está mal vestido, levando-o a sentir-se mal pela falta de elegância e conhecimento das regras sócias.” Zé Fernandes, por muitas vezes, repara em seu “Príncipe” com toda sua esbeltez: “Quando o meu Príncipe entrou na sala com uma elegância (onde eu senti as malas de Paris, abertas na véspera) – uma rosa branca no jaquetão preto, colete branco lavado e trespessado, copiosa gravata de seda branca, tufando e presa por uma pérola negra, - já todos os convidados enchiam a sala” (QUEIRÓS, 2001, p. 197).

Embora não desapareça totalmente, o requinte de Jacinto diminui, quando vai para as Serras, pois lá ele descobre toda a beleza de uma natureza até então desconhecida e passa a se importar menos com coisas que antes muito lhe preocupavam, como por exemplo, a escova de cabelo, que antes, na cidade, não tinha o menor valor, já que ele possuía várias e nenhuma lhe penteava os cabelos tão bem como aquela, única, que tinha na sua casa em Tormes.

Era acostumado ao conforto, a estar entre pessoas da mesma classe social, sempre com muitos bens à sua volta, suas máquinas e inovações, sem preocupar-se com o outro. Mas quando chega até as serras e percebe toda aquela pobreza, seu coração emudece e ele decide mudar a vida de todas aquelas pessoas, contratando um médico, reformando e construindo casas para os caseiros (o que para ele também servirá como uma melhoria na aparência do local), entre outras coisas:

Jacinto, como sugere a sua persona no dito baile , é rico e vive distanciado do arraiá-miúda, ignorando as condições de vida que são as desta classe (daí a surpresa quando Zé Fernandes lhe aponta a pobreza abjecta da cidade e quando descobre uma realidade semelhante a sua na propriedade de Tormes (QUEIRÓS, 2001, p. 108)).

Como vivia em meio a tanto luxo em seu palacete, não imaginava que entre as serras, dentro de suas próprias terras, havia pessoas que passavam por dificuldades com doenças, fome e moradia sem qualidade. Por isso, quando percebeu aquela situação ocorrendo tão perto, decidiu fazer o possível para que aquelas famílias tivessem uma vida digna, o que também melhoraria o aspecto visual do lugar.

O dialogismo em *A Cidade e as Serras*

É possível notar em *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, a referência a algumas obras clássicas da literatura mundial. Esse dialogismo é, inclusive, mencionado, uma vez que Jacinto refere-se a suas leituras, a seus encontros com obras consagradas e escritores históricos.

Exemplo dessa atitude dá-se quando Zé Fernandes menciona a obra que estaria sendo lida por Jacinto. O protagonista retorna às origens da literatura com uma obra chave da tradição ocidental, o poema épico *A Odisseia* de Homero:

Mas agora o meu príncipe mergulhara na Odisséia – e todo ele vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado, no meio do caminho da sua vida, o velho errante, o velho Homero! (QUEIRÓS, 2001, p. 166).

Souza (1996, p. 104) refere-se ao fato como um aproveitamento da teoria de Bakhtin sobre a noção dialogismo:

No caso de *A Cidade e as Serras*, o que desde logo permite e sugere um aproveitamento fecundo da teoria de Bakhtin é o facto de frequentemente serem citados textos como A Odisséia, as Geórgias e as Bulcólicas, Gargântua, D. Quixote, além de tantas outras a que se alude mais episodicamente ao longo do romance.

Há certa aproximação entre os dois heróis, Jacinto e Odisseu: ambos buscam coisas novas, descobrimentos e anseiam pela paz e estabilidade, Odisseu, após ter decorrido mais de dez anos do fim da guerra de Tróia, retorna ao seu reino e à sua casa e reencontra sua família. Embora Jacinto não olhe para Tormes como um regresso às origens, é lá que se estabelece e reencontra consigo mesmo. É lá, acima de tudo, que constrói sua família. Assim, afirma-se a ideia de fixação e de formação da família como práticas necessárias ao homem: é em sua pátria, com a família, que Odisseu encontra a felicidade e o mesmo ocorre com Jacinto, em seu estabelecimento em Tormes.

Em relação à obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, percebe-se, mesmo que sutilmente, o fato de ambas terem em comum, dois amigos inseparáveis, Dom Quixote e Sancho Pança e Jacinto e Zé Fernandes, “tal como Sancho, Zé Fernandes apresenta-se várias vezes contraditório, sendo capaz de imaginar o ideal...” (SOUZA, 1996, p. 137). Quando Jacinto lê tal obra, se desdobra em risos, invocando um otimismo. O que não é difícil de notar no próprio romance: “Jacinto, adiante, na sua égua ruça, murmurava: - Que beleza! E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava: - que beleza!” (QUEIRÓS, 2001, p. 127).

Embora haja tal aproximação entre os personagens principais de *A Cidade e as Serras* e as de *Dom Quixote*, Franchetti (2007, p. 26) afirma que não há muita coincidência entre ambos, afinal

Zé Fernandes, ao contrário de Sancho é um “narrador astuto” e Jacinto contrariamente a Quixote “além de ter boa figura, é ainda sobejamente rico”, tem excelente saúde, é agradável às mulheres, possui inteligência e grandes dotes sociais, e revela, a rigor, incompatibilidade violenta com os ambientes nos quais se move.

A aproximação entre a obra de Eça de Queirós e as produções de Homero e Cervantes, respectivamente, são importantes para a compreensão da construção de Jacinto, uma vez que a atitude de rever suas ideias e de valorizar a família e os demais camponeses, levando o conforto às serras confere ao personagem uma intenção heroica. Da mesma forma, a busca incessante pela satisfação, com a apresentação da tecnologia como um “amuleto” capaz de garantir felicidade, bem como os episódios que demonstram a amizade de Zé Fernandes, semelhante a um “fiel escudeiro”, permitem que a narrativa se torne mais leve, uma vez que a dupla garante uma dose de humor e ironia à trama.

Considerações finais

Procurou-se apresentar uma trajetória da personagem Jacinto do romance *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós ressaltando seu dandismo inicial, seguido pelo desapego ao luxo, corroborado pelo contato com o *modus vivendi* da população das serras. A transição da cidade para o campo culminou em uma busca pelo melhoramento dos recursos da zona rural pela implantação de tecnologia básica (união de duas qualidades: a tecnologia citadina e a tranquilidade das serras). Dessa forma, toda a aparência de espaço é transformada: a personagem reconstrói as serras, deixando de lado o luxo que o acompanhou durante a vida. Foram ressaltados também dois possíveis diálogos: com a epopeia *Odisseia* de Homero e com *Don Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes. Assim, conclui-se que Jacinto, por vezes, é comparado a outros heróis. Possui, tal como Dom Quixote, um amigo inseparável, porém muito sagaz. Também demonstra ser um homem que por vezes é como Odisseu: possui a vontade de desbravar novos horizontes, mas após as aventuras busca fixar-se. Tais diálogos afirmam a postura de Eça de Queirós – homem defensor das tradições e da família.

Referências

- BAPTISTA, Abel Barros (org.) *A Cidade e as Serras: uma revisão*. Coimbra. Ângelus Novus, 2001.
 CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.
 CANDIDO, Antonio. Entre Campo e Cidade. In: *Tese e Antítese*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1978.

- FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: *QUEIRÓS, Eça de. A Cidade e as Serras*. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- MARINHO, Maria de Fátima. *Eça e o Dandismo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.
- MATOS, Alfredo Campos. *Diálogo com Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1998.
- MATOS, Alfredo Campos. *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 2000.
- QUEIRÓS, Eça. *A Cidade e as Serras*. São Paulo: Hedra, 2001.
- REAL, Miguel. *O Último Eça*. Lisboa: Quidnovi, 2006.
- SARAIVA, António José; LÓPES, Óscar. Eça de Queirós e a ficção realista. In: *História da Literatura Portuguesa*. 17.ed. Porto: Porto, 1996.
- SOUZA, Frank. F. *O Segredo de Eça: Ideologia e ambiguidade em A Cidade e as Serras*. Prefácio de Carlos Reis. Lisboa: Cosmos, 1996.
- WERNECK, Francisco José dos Santos. Ideias Artísticas. In: *As ideias de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.